

corrida *s.f.* (*sXIII*)

1 ato ou processo de correr

2 caminho percorrido entre dois pontos 3 trajeto feito por passageiro em veículo de praça com o devido pagamento ao motorista (*a c. custou-lhe 10 reais*) 4 BA m.q.

CORREDEIRA ('parte do rio')

5 DESP tipo de competição em que se percorre um determinado trajeto, seja a pé, a cavalo ou com um meio de transporte (automóvel, bicicleta etc.)

Editorial

Na era do pós-fato, termo-irmão de advento da internet, abraçados que estamos aos analistas certos do cotidiano e aos boladões do conservadorismo, apesar dos esforços sociológicos dos believeers, um jornal predominantemente de literatura como o **RelevO** apresenta-se quase como um ente ressurrecional, desafiando o fluxo das horas, no combate (fracassado) à dilaceração do esquecimento — guardamos, sempre, vinte exemplares de cada edição no baú da biblioteca.

Ao selecionarmos, mês a mês, uma turnê de aproximadamente 15 autores e autoras por simplesmente gostarmos de determinadas ligações de palavras, queremos partilhar o que acreditamos ser agradável de se ler, dizer ao leitor que ainda vale a pena folhear um tal jornal, nem que seja para se irritar com algumas piadas suspeitas — um impresso como um certo respiro do fluxo migratório, pombos que somos de nossas próprias cabeças.

Não se trata de produzir um impresso em contrapartida às novas plataformas tecnológicas, até porque nos beneficiamos dela, tanto com a própria edição reproduzida em PDF, quanto com o acesso a novos assinantes e anunciantes, que acabam conhecendo nosso trabalho para além de nossos braços geográficos e nos custeando (bruta filosofia).

O que buscamos está numa outra lógica, desconfrontada. Acreditamos que o papel, assim como qualquer outra plataforma de comunicação, pode auxiliar na incompreensão do mundo,

um impresso agindo como farsa para cosmonautas da autopista, sem respostas, alheio à vontade geral de convencimento (o papel ainda como uma forma estranha de afeto para crises existenciais das mais bonitas). [O fabuloso jornal sem gurus sob o trinômio errância, escrita e leitura.]

Naturalmente, as tensões entre o político e o estético nunca deixam de ecoar e nem por duvidarmos como método devemos não nos arriscar no trânsito, mas ao nosso modo, sem falsetes. Em *Preparação do Romance*, Roland Barthes descreve sua impossibilidade de enfrentar o real por meio da literatura através de um dilema ao pé da interdição, o que pode dizer muito de nosso exercício de permanecer na rota contrária de ainda usar gráfica.

“Posso ter o desejo tenaz de escrever um romance e constatar, depois, que não consigo fazê-lo, pela simples razão de que eu não sei mentir (não eu não quero, mas eu não sei); isso não quer dizer que eu sei dizer a Verdade; o que está fora dos meus limites é a invenção da Mentira, a Mentira luxuriosa, a Mentira que produz espuma: a Fabulação, a Mitomania.”

Um jornal de papel também é imaginação fantasmática, uma antiga forma de estar no mundo sem saber onde é o interruptor. Como o medo se mama, sabemos que um dia a morte nos declarará. Nosso enterro não será triste, pois sabemos que três dias depois ressuscitaremos como influenciadores digitais. Conheceremos o pó original e a matéria da qual se fabrica a água das estrelas.

Uma boa leitura a todos.
(E bom ano pra nós todos.)

“Como faiz?”

Escreva para contato@jornalrelevo.com e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

E, em tempos hiperconectados:

[instagram.com/jornalrelevo](https://www.instagram.com/jornalrelevo)

[facebook.com/jornal.relevo](https://www.facebook.com/jornal.relevo)

twitter.com/jornalrelevo

jornalrelevo.tumblr.com

Quem mais

A capa dessa edição é de autoria do Lúcio Barbeiro <www.thisislucio.com>

No interior, fotos de Alexandre Cardinal <ale.cardinal.photo@gmail.com> (material da Exposição Espelhos).

Por que

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa.

Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3.500 leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independentes e longe dos precatórios.

Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

Quem

Editor Daniel Zanella

Editor-assistente Mateus Ribeirete

Ombudsman Silvio Demétrio

Revisão Mateus Senna

Projeto Gráfico Marceli Mengarda

Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3.500

Edição finalizada em 28/12/16

Quanto

Assinantes: R\$ 100 Pedro Luz; R\$ 60 Silvio Demétrio; R\$ 50 Guto Souza; Mitsuo Florentino; Silvana Barioni; Rose Cipriano; Victor Ianuzzi; Dany Cesar; Lucas Gomes; Yasmin Nigri; Júnior Bellé; Christiana Nóvoa; Cel Bentin; Rodrigo Novaes de Almeida; Elisa Ponciano; Alexandre Morgentern; Marli Voight; Lighia Fernandes; Carol Damião; Mayra Corrêa e Castro; Edilson Pereira dos Santos; Carol de Bonis (total: R\$ 1.160)

Anunciantes: R\$ 100 Penalux; Bardo Tatára; R\$ 50 Sarau da Paulista; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Loterias Avenida; Toda Letra; Torto Bar; Coworking Insight (total: R\$ 650)

Gráfica: R\$ 1.100

Distribuição: R\$ 190

Assinantes: R\$ 400

Papelaria: R\$ 110

Custos totais: R\$ 1.800

Receita total: R\$ 1.810

Balço de dez. 2016: R\$ 10

janeiro de dois mil e dezessete

ISSN 2525-2704

fundado em set./2010

e mostrando pirus e xoxotas
muito antes de todo mundo

Cartas do Leitor

RELEVO NAS TRINCHEIRAS

Christiana Nóvoa: Força na luta, gente! Vida longa ao **RelevO!**

Joseani Netto Sou fã e sempre mostro o jornal por aí. Divulgo com a mesma motivação de quem o leu pela primeira vez!

Josette Garcia: Em tempos de crise, a gente opta pelo que considera essencial. Por isso, assino, apoio e opto para que o jornal prossiga cumprindo seu papel de incentivo e divulgação.

Ismael Alencar: O **RelevO** não tem financiamento público e torço pra que nunca precise. Ano que vem renovarei minha assinatura, pois sempre leio e até levo para o meu trabalho, no intuito que mais pessoas queiram assinar.

Ivan Correa: Vida longa pro **RelevO**. Entendo perfeitamente como é ralar, se foder, não desistir e se foder de novo. No final, a parada funciona e quem viver verá. Leio sempre o **RelevO** e digo que é o jornal mais autêntico e “sem vergonha” que eu conheço. Isso é pros raros.

Afonso Caramano: Sobre o caso

da pessoa que disse que não paga pelo jornal, parece que nem o meio literário escapa da lógica fisiologista do toma lá, dou cá... Ou da viagem ao redor do próprio umbigo... Triste isso. Afinal, a literatura é diálogo! E um pouco de generosidade lembranos, ou deveria lembrar, de nossa humanidade.

João H. Furtado: Continuaremos até a última página.

Mari Quarentei: Há anos venho pautando minha conduta em ter consciência a quem capitalizo e a quem nego capital.... Não é simples! Porque essa é a real: a quem e para que repassamos dinheiro... O tal do ‘nosso dinheiro’ irá dar vida ou invalidar os projetos os produtos e os mundos e culturas que eles criam. Cada coisa pela qual pagamos mantém/vitaliza/sustém algo ou desvitaliza (no mínimo) este algo.

Da redação: Obrigado a todos que apoiam o jornal nestes tempos um tanto sombrios.

VAMOS, CHAPE!

Lucas Kotovicz: Após a bela descrição do *Mirror* na estreia de *Kazim*, essa é a segunda reportagem de jogo que leio no ano. Não sei qual das duas é melhor. Mas certamente esse jogo — que pode até ter existido em um universo onde um certo avião reabastece — vai ficar no meu imaginário por um bom tempo. Parabéns aos envolvidos.

Rômulo Candal: Fui ler a edição desse mês do **RelevO** e, gente... Me deu um arrepio violento quando vi a matéria central sobre a final da Sul-americana. Nem consegui ler o texto ainda, meu primeiro impulso foi virar a página.

Greicy Bellin: Bela homenagem.

Clemilton Carvalho: Viva! Que o meu exemplar não chegue só no Natal.

Da redação: Olhai... O jornal de dezembro foi para todos os assinantes antes do dia 8. Viva!

OMBUDSMAN TAMBÉM É GENTE!

Gutemberg Medeiros: Belo e consistente epílogo do *Silvio Demétrio* em dezembro. Quase uma chave de ouro parnasiana. E aludir à poesia é preciso. Lembrando *Dostoiévski*, “Só a beleza nos salvará”.

Flavio Jacobsen: Emocionante a edição de dezembro. Meus parabéns. E ser citado pelo ombudsman foi uma honra. É um prazer assinar e colaborar com o periódico. Um verdadeiro relevo à parte dos demais.

Enclave

#41 O Banho Turco, do pintor francês Jean-Auguste-Dominique Ingres, é um perfeito exemplo da corrente Orientalista, popular no século 19 na Europa após a invasão

do Egito por Napoleão. Era muito comum nessa época o interesse de artistas pela estética do Oriente Médio, até então uma região exótica e pouco conhecida pela alta classe europeia. Essas representações não deixam de ser romantizações paternalistas, tratando o Oriente como um mundo subdesenvolvido e estático, mas nos ateremos aqui ao seu valor artístico.

Pintada quando Ingres já tinha seus 82 anos, em 1862, a tela mostra um harém segundo a descrição de *Lady Mary Montagu* de uma viagem ao império otomano: “acredito que ali havia duzentas mulheres. Mulheres lindas e nuas em várias poses. Algumas conversando, outras tomando café ou tomando sorvete, e muitas espreguiçando-se despreocupadamente, enquanto suas escravas (geralmente lindas garotas de 18 anos) arrumavam seus cabelos em formas fantásticas”. A produção da *Enclave* contou apenas 23 moças na figura, mas o efeito que se tem é de muito mais corpos. Provavelmente pelas voluptuosas curvas das musas, que se confundem e se repetem no espaço, inclusive no formato do quadro (que originalmente era retangular, mas foi cortado pelo artista após sua execução).

A obra é também repleta de autorreferências, já que Ingres frequentemente pintava cenas desse tipo. A *Grande Odalisca* e *A Banhista de Valpinçon* são dois exemplos de pinturas citadas no processo criativo do *Banho Turco*.

Várzea

Lucas Leite

Várzea é o nome dado a um terreno plano cultivável próximo a ribeirões. É comum que o terreno de várzea abandonado acumule lixo, principalmente após inundações. Daí vem o significado pejorativo do termo. No popular, é chamado de varzeano aquilo que é desorganizado, de baixa qualidade, amador. "Que várzea!" diria você após perceber que o bar onde você está só tem cerveja quente, ou que as batatas que eles servem de petiscos são cozidas e não assadas ou fritas.

Para a quinta rodada do Campeonato Paranaense sub-19, o Clube Atlético Paranaense viajou ao sudoeste para enfrentar o Pato Branco Esporte Clube. O time do Atlético se mostrou logo cedo claramente superior ao seu adversário pato-branquense. Desde o início da partida, o Furacão controlou a posse de bola e propôs o jogo como quis, criando diversas oportunidades de gol, principalmente com o pequeno Julian, de apenas dezessete anos, que passava como queria pelo lateral-direito do time interiorano, marcador um tanto relapso. O placar foi de apenas 1 a 0 ao fim do primeiro tempo, no entanto, devido às diversas (no mínimo três) chances claras de gol desperdiçadas pelo visitante.

Na segunda etapa, o rubro-negro voltou impondo uma intensidade que não foi respondida pelo time da casa. 3 a 0 aos 18 minutos. A partir

daí, o Pato Branco EC abdicou de jogar futebol. Se pudesse, sairia de campo e levaria a bola para casa, como fazia o seu amigo mimado na época de escola. Entradas desleais e reclamações desmedidas — inclusive xingamentos na cara do juiz em alto e bom som ('palhaço' era a ofensa mais comumente proferida). Dois jogadores foram expulsos, os que ficaram continuaram chegando atrasados em diversos lances, aplicando joelhadas e chutando tornozelos do time da capital. Felizmente, os últimos minutos da peleja foram disputados em ritmo morno e o jogo terminou 3 a 0.

O destaque da partida, além do jogador que deu um tapa no cartão vermelho que o juiz lhe apresentava, do gandula que também foi expulso porque não parava de gritar, do placar manual que ficava no banco de reservas do time visitante e era atualizado pelos próprios membros da comissão do Atlético, ficou por conta da organização do time da casa: foram a campo sem médico e não havia sequer uma ambulância de prontidão, de modo que eu, um acadêmico do quarto ano de Medicina, fiquei responsável por uma centena de pessoas que presenciavam o duelo.

O Furacão volta a Curitiba e já pensa no embate de meio da semana contra o Junior Team, no CT Alfredo Gottardi.

Elegia à deserção

Ombudsman • **Silvio Demétrio**

Todos nós erramos. E erramos feio. E a verdade por detrás disso é uma só. Não há retorno possível. Não há reparação. Um movimento completo em sua duração, indivisível. Algo que só se experimenta como vertigem. O erro é o destino de cada um. Absoluto. O erro é a sina cega. O cansaço.

A canga do trágico destino que se desconhece. Humano porque trágico.

Uma espécie singular de ilusão e delírio: toda e qualquer forma de convicção. De certeza. De moral. Quanto mais se deseja a verdade mais se erra. E que erro considerar isso um equívoco. Aqui o erro é o movimento da errância. Deriva. Os desvios que constroem o trajeto do riacho do tempo. Aquilo que se passa entre um instante e outro. Móvel. Fugidio. Aquilo que foge. Escapa. Aquilo que é livre. Inumano. Potência inorgânica.

E se não há outro destino que não o erro, por que não cantar a única atitude verdadeiramente válida? Só há sentido na deserção. Desertar vem de “dirigir-se ao deserto”. Tornar o deserto uma ação. Evadir-se em direção ao que não está demarcado. Terra de ninguém. O deserto é o que sobra para além de qualquer fronteira. Lugar nenhum. Utopia. Não lugar.

A solidão é a nação dos que não se enquadram. O afeto do único, do singular, da diferença. O mais corajoso de todos os desertores: o outsider. O bicho esquisito. Aquela presença estranha e incômoda. Indomável. Assimétrica. Sustenida. Santa. Todos os grandes heróis são desertores.

A suprema coragem de dizer não

para não se colocar a serviço da morte. Do sarcasmo que assassina as possibilidades de um dia mais leve. Da falta de respeito que faz sangrar. Do desprezo de toda espécie. Da arrogância que envenena. De toda e qualquer militância. De toda burrice. De toda insensibilidade.

Desertar como ato de celebração da vida em sua potência de alegria simples. Todas as crianças são desertoras. Nascem no deserto para depois serem povoadas por monstros como a escola, as doutrinas, os credos e as certezas. Sempre elas. Assustadoras, as certezas se traduzem numa normalidade vazia que faz da vida uma espera pela morte.

Que todos nós que nos reunimos em torno do **RelevO** possamos viver de forma mais intensa o erro. Como ombudsman de um jornal de literatura, acredito que só possa articular essa proposição como uma tentativa de crítica depois de um ano marcado por uma intensidade tão obscura como foi 2016. Escrevo isso ainda dentro dele e apostando todas as fichas que, nesse momento no qual você lê isso, esse nefasto tempo já tenha se esgotado.

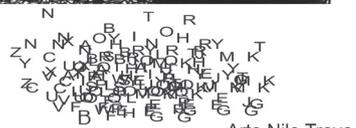
Saudações a todos os que erram. Errar é estar a caminho da surpresa. A nós a poesia — essa deserção do lugar comum para a vida da linguagem como festa. Um brinde a todos os que já desertaram e os que ainda se deixarão as certezas para embarcar nos ventos do encanto. “Só a beleza nos salvará”.

Evoé!

sarau da paulista

POETAS OCUPAM A PAULISTA/
 /ESQUINA COM A PEIXOTO GOMIDE
 MICROFONE ABERTO A TODAS AS ARTES
 ÚLTIMO DOMINGO DO MÊS
 QUINZE HORAS
 SARAUDAPAULISTA@GMAIL.COM

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



NOVO ENDEREÇO:
 RUA CÂNDIDO LOPES, 205, 3.º ANDAR, CONJUNTO 34



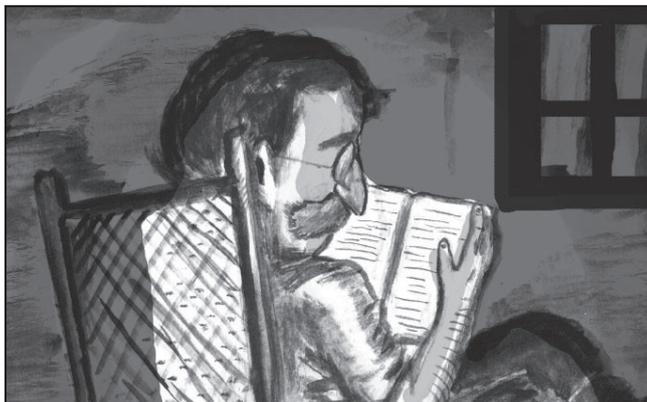
PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
 ARAUCÁRIA-PR



FISK
 CENTRO DE ENSINO
 3642-3690 3031-7040
 R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

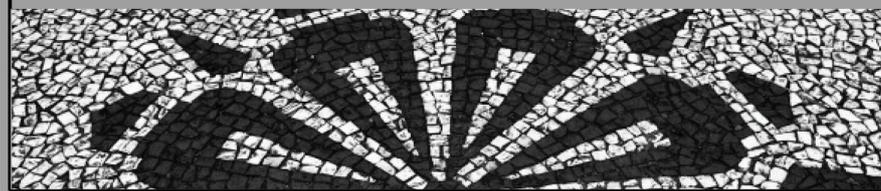
Para adquirir o livro: www.amazon.com

ADVOCACIA

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
(OAB/PR 48.641)

Rua Antônio Zanon, 1.606, Tatuquara
Curitiba, PR, CEP 81.480-150
(41) 3564-7194 (41) 98440-5050



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA E HISTÓRIA NACIONAL

Objetivo: Articular pesquisas nas áreas de Literatura Brasileira, História e Teoria Literária

Público: Graduados em Letras, História, Comunicação, Artes, Direito e áreas afins

Duração: 18 meses **Início das aulas:** 06/03/2017

Local: UTFPR-Curitiba (Avenida Sete de Setembro, 3165, Rebouças)

PROFESSORES E DISCIPLINAS

Formação do pensamento político-brasileiro
Tópicos especiais de história contemporânea
Literatura, Trabalho e Tecnologia no Brasil
A Ficção Histórica
Dramaturgia e História e Metodologia
História, Literatura e Cinema Nacional
Machado e a Filosofia Moderna

Christian Schwartz
Clóvis Gruner
Angela Fanini
Edna Polese
Maurini Souza
Carolina Fernandes
Zama Caixeta Nascentes

Horário: Aulas nas segundas, quartas e sextas das 19 horas às 22h30

Coordenador: Prof. Marcelo Fernando de Lima (marcelolima@utfpr.edu.br)

Inscrições: www.pos.funtefpr.org.br/index.php?componente=Curso&CURSO_ID=173

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

Denise Duhamel

por Miriam Adelman, Emanuela Siqueira e Julia Raiz

Nascida em 1961 no estado de Rhode Island (EUA), Denise Duhamel é uma poeta que se destaca em sua geração. Desde os primeiros livros publicados, sua voz é fortemente marcada por uma visão afirmativamente feminista, humor sagaz e crítica cultural abrangente. O livro *Kinky*, publicado em 1997, tem por objeto um dos maiores ícones da cultura popular norte-americana do século 20, a boneca Barbie — tão profundamente imbricada na construção e desconstrução da feminilidade padrão da época do pós-guerra — e através dela explora as contradições políticas, sociais, culturais e históricas do seu país e do mundo contemporâneo. A imaginação complexa, fértil e surpreendente de Duhamel coloca sua poesia à grande distância dos clichês que arriscam aparecer na linguagem do social e do político — a não ser quando os retoma, para desconstruí-los com perfeita ironia e profundo senso da vida como paradoxo.

Kinky é dividido em quatro partes: “lipstick” (batom), “powder blush” (blush), “mascara (rímel)” e “eye-shadow” (sombra de olho). Os produtos de maquiagem são a primeira pista para a leitura: a maquiagem serve para mascarar, representar, mimetizar, ser o outro, esconder-se. Os sentidos desses verbos se estendem infinitamente e têm relação com o próprio fazer poético. No livro, de imediato, se ligam à pressão que sofrem as mulheres para caber num padrão estético barbie: pele branca e lisa (sem veias, rugas, espinhas), sombra que realça os lindos olhos azuis e uma boca fresca, jovem e sensual que combina com os seios empinados e a cintura fina. Porém, numa segunda leitura, a apropriação desses símbolos também

representa a capacidade criativa, manipulativa, transformadora das mulheres representadas pela Barbie e, em última instância, por autoras mulheres como Duhamel.

Se a boneca Barbie é o modelo físico dessa mulher que as meninas devem aspirar desde cedo a ser, Duhamel, de cara, literalmente desmantela o corpo da boneca. Sua inteireza bem acabada está ameaçada no poema que abre *Kinky*: “Differently-abled Barbies” (Barbies Portadoras de Necessidades Especiais) trata de bonecas sem braço e rosto cheios de cicatrizes. Nos próximos poemas da primeira parte, Duhamel nos lembra que a Barbie é uma mulher branca — seu rosto, o resultado do que nos fizeram acreditar ser o padrão europeu —, daí surgem as barbies oriental, negra, hispânica e indígena. Esse é só um dos exemplos do feminismo interseccional de Duhamel, que trata não só a questão de gênero, mas a mescla com problemáticas étnica, econômica, social, por meio de versos cirúrgicos — nos desculpem o trocadilho — como: “Today, the same plastic surgery/ used on Black Barbie can smooth those ethnic features/ in all of us” (Hoje, as mesmas cirurgias plásticas/ usadas na Barbie Negra podem suavizar tais traços étnicos/ em todos nós).

Na segunda e terceira partes, por meio da ironia, Denise Duhamel problematiza a legitimidade do desejo feminino. Partindo da brincadeira de que, como boneca, evidentemente Barbie não pode desejar, e nesse sentido resume-se à posição na qual a sociedade da modernidade inicialmente tentou aprisionar as mulheres — como objetos, não-sujeitos do desejo. Mas as Barbies da Duhamel surpreendem: desejando, ou se frustrando por não poder desejar,

quando menos se espera ouvir a voz delas. Também são desejadas, muitas vezes de formas que repetem a violência de uma sociedade misógina ou abre canais para a formulação de diversos desejos, incluindo aqueles que o 'padrão' nega e a moral heteronormativa silencia.

Dessa maneira, *Kinky* apresenta passagens que fariam qualquer leitor adulto levantar uma das sobrelhas

fantasia” aparecem em seus poemas: a indústria dos casamentos (que rendem programas televisivos há ao menos uma década), a versão atual e pop da astrologia e até o maior símbolo da livre circulação de slogans e mercadorias, a Coca-Cola. Assim como a marca de refrigerantes, que vale aproximadamente 74 bilhões de dólares, fundou sua própria metafísica ao criar a história do

Livros de poesia publicados:

Blowout (University of Pittsburgh, 2013)

Ka-Ching! (University of Pittsburgh, 2009)

Two and Two (University of Pittsburgh Press, 2005)

Mille et un sentiments (Firewheel Editions, 2005)

Queen for a Day: Selected and New Poems (University of Pittsburgh, 2001)

The Star-Spangled Banner (Southern Illinois University Press, 1999)

Kinky (Orchises Press, 1997)

The Woman With Two Vaginas (Salmon Run Press, 1994)

Smile! (Warm Spring Press, 1993)

em surpresa, justamente porque Barbie não é qualquer personagem feminina, é o modelo-mor da mulher adulta bem-sucedida nas narrativas de meninas. Nos poemas de Duhamel, Barbie vive em cenários altamente sexuais que acabam por jogar luz sobre a construção de um imaginário erótico tipicamente masculino, o qual abunda nove em cada dez filmes dos EUA. Como gêneros cinematográficos específicos e produtos de uma ideologia capitalista explícita, estes universos ficcionais são reproduzidos mundo afora e aparecem em *Kinky* sistematicamente. Nessas situações, a Barbie não é só peça decorativa, mas protagonista absoluta. E não é só com Hollywood que Duhamel está mexendo. Outras “fábricas de

ingrediente secreto 7X, as Barbies de Duhamel também têm ligação com essa parcela de transcendentalidade tão comumente apropriada pelo mercado, em poemas que falam sobre budismo, catolicismo, mórmons, crença pós-morte e até evidenciam uma filosofia de longevidade própria da boneca, típicos da quarta parte do livro.

Diante da multiplicidade de temas e formas utilizados por Duhamel nas 90 páginas que compõem *Kinky*, escolhemos, neste primeiro momento, apresentar três poemas que são, cada um a sua maneira, demonstrativos da força poética de Duhamel: “Barbie’s Molester” (O Molestador da Barbie), “Barbie as mafiosa” (A Barbie como mafiosa) e “Antichrist Barbie” (Barbie Anticristo).

Barbie as mafiosa

– for *Dangerous Diane*

When she's slipped the bag of cocaine,
Barbie ducks into her favorite alley.
She pulls her head off and fills herself up
as though she's an innocent as a shapely salt shaker.
The wise guys leave the trafficking of small things to her –
and as she glides through international airports
or bustling loading docks, no one at the top's
disappointed. Whether nestled between the receiver
and base of a car phone, or tucked into a bedroom drawer
with a tiny tape recorder in her hollow torso,
Barbie loves fun and the thrill of adventure.
But being a no-nonsense doll, she can also give the kiss
of death if she has to. Her sassy lips
refuse to part, making her perfect keeper of secrets.
At the press conferences, she'll deny all affiliations.
I'm just playing, she'll say, or
you can't prove a thing. I barely even have a brain.
When Barbie is this visible, sometimes
the big boss sweats. His wife gets jealous,
wondering why Barbie calls another woman's non-doll husband
from phone booths in the middle of the night.
The details of passwords, cement shoes, and unrefusable offers
all have to be worked out. The mob leader
will try to calm his spouse, claiming she's the only one
he loves: This Barbie dame's not even a real dame.
I don't know what you're so worried about.
The wife admits she feels silly, but when she returns
to bed, she keeps one eye open.
The cops feel silly, too, arresting toys,
so Barbie goes everywhere with the gall
of leaving her sunglasses at home. She frequents
the smoky private clubs and gets window tables
in Little Italy cafés. But it's the resort beaches
she likes best, where she can really unwind
and be herself. Her tiny cooler weighs down the corner
of her tiny designer towel. She watches her blond boyfriend
Malibu Ken fiddle with his flippers and goggles.
She loves him because he knows nothing –
a mere fashion accessory to Barbie's crimes.

Barbie como mafiosa

por Miriam Adelman

Para Dangerous Diane

Quando lhe repassam o saquinho de cocaína,
Barbie foge para seu beco preferido.
Ela tira sua cabeça e se preenche com o pó
Como se fosse tão inocente quanto um saleiro de curvas gostosas.
Os malandros deixam o tráfico de pequenas coisas para ela —
e enquanto ela desliza pelos aeroportos internacionais
ou os agitados cais dos portos, ninguém lá em cima
se enerva. Seja aninhada entre o receptor
e a base do telefone de um automóvel, ou guardadinha
na gaveta de uma cômoda com um pequeno gravador no
seu torso oco, Barbie ama o divertimento e o tesão da aventura.
Mas por ser uma boneca muito séria, ela também sabe dar o beijo
da morte se precisar. Seus ousados lábios
se recusam a abrir, tornando-a a mais perfeita guardadora de segredos.
Nas conferências de imprensa, ela negará todas as afiliações.
Só estou brincando, dirá ela, ou
Vocês não conseguem provar nada. Mal tenho cérebro.
Quando a Barbie fica assim tão na cara, por vezes
o poderoso chefão passa apertado. Sua mulher fica com ciúmes,
se perguntando porque a Barbie liga para o marido não-boneco de outra
de cabines telefônicas no meio da noite.
Os detalhes das senhas, dos sapatos de cimento e das propostas
irrecusáveis,
todos precisam ser bem pensados. O chefão
vai acalmar sua esposa, argumentando que é só ela
que ele ama: esta Barbie nem sequer é uma dama de verdade.
Não sei por que você se preocupa.
A esposa admite que se sente tola, mas ao voltar
para a cama fica de olho aberto. Os policiais
se sentem tolos também, prendendo brinquedos.
Por isso a Barbie anda por onde ela quiser tendo a audácia
de deixar seus óculos escuros em casa. Ela frequenta
clubes privados enfumaçados e senta à janela nas mesas
dos cafés de Little Italy. Mas são as praias dos resorts
que ela mais gosta, onde pode realmente espairar
e ser ela mesma. Sua pequena caixa de isopor segura o cantinho
da sua toalha de praia de marca. Ela observa seu namorado loiro
Malibu Ken, mexendo com seus pés-de-pato e óculos.
Ela o ama porque ele não sabe de nada –
mera peça acessória para seus crimes.

Barbie's molester

His penis rises before him, a compulsion. He would take hormones if he could. In his best dreams he is natural, purposeful, like a rising moon. He begged his parole officer: please don't let me out again. But the psychological report showed he was ready enough.

His penis swells like a bump on the head and it hurts just as much as water on the knee. He's thrown away all his pornography and tries staying home as much as he can. He follows his counselor's advice: when the violence gets too much, he turns to another TV channel.

Things are tentative, though steady, until Christmas, when the Barbie commercials start to appear. He races to the toy store and yanks one of her from the shelf as hard as he can. When she doesn't struggle, he mistake this for love. Suddenly he's doing things even he's never thought of.

O molestador da Barbie

por Julia Raiz

Seu pênis se ergue diante de si, uma compulsão. Tomaria hormônios se pudesse. Em seus melhores sonhos ele é natural, decidido, como uma lua crescente. Implorou ao agente da condicional: por favor não me solte de novo. Mas o relatório psicológico mostrava que ele já estava pronto.

Seu pênis incha como um galo na cabeça, dói tanto quanto inflamação no joelho. Ele jogou fora toda a pornografia e tenta ficar em casa o máximo que pode. Segue o conselho do psicólogo: quando a violência aumenta muito, ele troca o canal da tevê.

As coisas são incertas, embora estáveis, até o Natal, quando os comerciais da Barbie começam a aparecer. Ele corre até a loja de brinquedos e arranca com toda a força uma delas da prateleira. Quando ela não reage, ele confunde isso com amor. De repente, está fazendo coisas que nem ele havia imaginado antes.

Antichrist Barbie

She could turn her head all the way around like Linda Blair in *The Exorcist*. Her bare high-heeled feet were begging to be nailed, Jesus-style, to a cross. Mother saw their daughter's dolls levitate above pink carrying cases, the tip upside down, arms straight out to their sides. Barbie's an angel, cried the little girls who loved her, who would mortgage their souls to be like her, who would do anything she asked.

Barbie Anticristo

por Emanuela Siqueira

A cabeça dela podia girar como Linda Blair n'O Exorcista. Seus pés nus de salto imploravam ser pregados estilo Jesus na cruz. Mães viram as bonecas das filhas levitarem sobre estojos rosas, ficarem de ponta-cabeça, braços abertos. A Barbie é um anjo, choram as garotinhas que a amam, quem não venderia sua alma para ser como ela quem não faria tudo que ela pedisse.

Alexandre Cardinal



Dicas de Marketing*

*é tipo propaganda

Poucos sabem, mas todos os integrantes do **RelevO** são obrigados a completar um MBA (Master of Business Administration) em mídias digitais. Não à toa, nossa predileção em modelar cuidadosamente nossa SEO (Search Engine Optimization) nos trouxe mais de 8 milhões de likes espalhados por redes sociais dos mais variados continentes. Em Zâmbia, meu amigo, o **RelevO** não passa uma semana longe dos TTs (Trending Topics) em literatura, cinema e desentupimentos.

Nas feiras do interior em que participamos regularmente, um ventríloquo feito de madeira de reflorestamento repete haicais de todas as lições que aprendemos ao longo desses mais de seis anos fazendo sucesso e enriquecendo com jornal impresso — as frases começam sempre com “advento da internet”, o que um confere um ar tão vintage quanto precisamente otário.

Sabedores que somos da necessidade de se comunicar bem com o público que tem algum dinheiro no meio cultural, o **RelevO** Corps apresenta abaixo alguns toques para a sua empresa melhor monetizar a sua rede de contatos nas redes ditas sociais, e também gerar uns trocados naquele churrasco com carne de soja em que você só tem dinheiro no cartão.

1 - Aproveite aquele meme desgastado no Twitter e faça uma campanha com grau medido de divertimento. Para tanto, quando já tiver convencido seu potencial cliente de que você é o novo Kibe Loco, insira discretamente as tags “turismo”, “instafood” e “cavalo fode homem humor no whats”, a fim de expandi-lo. Seja sutil;

2 - Exponha o quanto você contrataria, se fosse possível, *várias* minorias. Após meses de masturbação em mídias sociais, traga representantes de algumas. Pague mal, sem exceção: qualquer um sabe que *lacrar* > *lucrar*. Utilize gifs durante todo o processo;

3 - Animais com aparência de travesseiro sempre geram bons likes para a sua campanha cujo objetivo recai em pagar contas atrasadas. Sequestre um avestruz, vista-o com camiseta do James Joyce e publique vídeos com legendas “é muito amor”, “melhor animal” ou simplesmente “<3” ;

4 - Não deixe para lá os feriados de largo consumo, principalmente aqueles que estão próximos das datas de pagamento da galera. Fazer *humorzinho* com listas e curiosidades, desses conteúdos que incomodam apenas quem não tem mais banda para abrir o e-mail no celular, também não vai mal, já que você parecerá menos *capitalista* e mais *humano* com seus clientes;

5 - Seres humanos parcialmente nus em vídeos constrangedores também podem gerar *buzz*, convites para cafés e, posteriormente, a fundação de clubes de bukkake. Opte por colocar os profissionais do seu empreendimento na jogada, pois eles têm pouca possibilidade de dizer não e ainda se obrigam a participar das campanhas de divulgação, afinal não está fácil emprego por esses dias;

6 - Na pós-modernidade, *produzir* é um verbo *tão* intransitivo (REFERÊNCIAS!!!). Utilize seu tempo assistindo a todas as séries porta-bandeira de memes: elas possibilitarão contato direto com a casta de habitantes da Netflix;

7 - Tenha bons contatos profissionais. Eles reagirão com genuína surpresa quando descobrirem que sua companhia vem praticando estelionato regular com eficiência;

8 - Se está na internet, é verdade; se está na verdade, é internet. Crie uma ONG que investe quantias não publicadas no tratamento de uma doença fictícia. Se possível, crie também a doença;

9 - Compartilhe histórias de pessoas em situação de vulnerabilidade (mendigos, crianças-artistas e poetas) e mostre como o poder da literatura, da cultura, da ligação maravilhosa de palavras possibilita um *mundo melhor*. Um *mun-do me-lhor* *-.*;

10 - Não dispense as relações da astrologia com a alta cultura. Uma gracinha com um cliente de Touro sempre pode funcionar e levar a uma conferida no saldo do banco. Essa opção é pouco segura, pois um público-alvo fã de astrologia dificilmente chegou longe na vida;

11 - Use com assiduidade as palavras ENERGIA, INCLUSÃO e INCESTO. Uma delas trará um *boom*;

12 - Para eventos, de modo geral, não dispense a comida e a bebida de graça. Coloque amigos e gente bonita no controle de tudo. Na verdade, chame seu evento de Comida & Bebida de Graça para facilitar o encontro do público-alvo da cultura, especializado em forrar o bucho com motes interessantes. Cuidado com *flash mobs* de lançamentos de livro;

13 - Avise a comunidade e os seus seguidores que o seu empreendimento abre espaços para a produção *verdadeiramente autoral*, mas que não tem dinheiro para investir — essa parte vai em fonte menor. Lembre-se de que não é preciso pagar quando se entrega *visibilidade*;

14 - Peça esmola para o Estado. Não há nada mais importante para o país do que a *sua* empresa do *bem*, que, ao contrário das empresas do *mal*, traz *cultura* para o *povo*. Se alguém perguntar seu conceito de *povo*, descadastre de seus contatos;

15 - Tenha um periódico literário irrelevante, sem dinheiro para investir em coisa alguma e publique textos medianos sob a desculpa de que são autores novos. Aceite permutas e não desenvolva campanhas, pois a morte é o único destino mesmo.

A dança do ventre

Roberto Gomes

Mal abriram a porta do apartamento, ele, Rodolfo, lançou-se sobre ela, Madalena. Começaram a despir-se ainda no corredor. Aos pulos, ele arrancou os sapatos e as meias. Ela largou a blusa junto à porta da cozinha, a saia na sala de jantar. Chegaram ao quarto esbaforidos, beijando-se como não faziam há uns dez anos, quando haviam vivido, como sempre diziam, os anos heroicos. Jogaram-se na cama mas, súbito, ela gritou:

- Você está pensando nela!
- Nela? - respirava aos arrancos - Que ela?
- A dançarina!

Haviam voltando de um bar onde assistiram à dança do ventre. A dançarina: uma morena belíssima, de olhos negros e grandes, envolta em véus coloridos. Ela, Madalena, notara que ele, Rodolfo, ficara hipnotizado, o queixo caído. Não piscou os olhos até o término do espetáculo, quando, sôfrego, disse que estava na hora de voltarem para casa.

Madalena empurrou Rodolfo e acusou:

- Está pensando nela!
- Para com isso, Madalena!

Madalena pulou da cama. Rodolfo, desesperado, pediu:

- Volta aqui.
- Por que não chama a dançarina?
- Imagina, que bobagem!
- Te conheço.
- Por favor, Rodolfo implorou, vem aqui.

Ela ajeitou o que lhe restava de roupa sobre o corpo, saiu do quarto, voltou enfiada num roupão monástico.

- Mas o que houve? perguntou Rodolfo.

- Há uns dez anos não te vejo desse jeito.

- E daí?

- Ainda pergunta? Que cínico!

Rodolfo encolheu-se na cama, disse um palavrão até que educado para as circunstâncias, e se petrificou em ódio. Ficaram em silêncio. Ele, enrodilhado, as mãos enfiadas entre as pernas. Ela, sentada na cama, esperando uma explicação. Passaram-se dez minutos. Madalena perguntou:

- E então?
- Então o quê?
- Não tem nada a dizer?
- Você estragou tudo.

Vinte minutos. Ele começou a ressonar. Ela assustou-se. Conferiu: o bandido estava mesmo dormindo. Sozinha no escuro, Madalena olhou para a janela, para a parede, para si mesma, e pensou: eu sou uma burra, uma burra, uma burra!

Chamou Rodolfo. Ele continuou ressonando. Deu-lhe um empurrão.

- Que foi? - perguntou ele.
- Lembra da dançarina?
- Me acordou pra isso?!
- Calma. Era bonita, não era?
- Era.
- Pernas longas...
- Belíssimas.
- E o quadril? ela perguntou.
- Huum! ele fez.
- Você não acha que eu devia...
- Acho.
- Mesmo?
- Aqueles ombros...
- Seu patife!

Ela, Madalena, jogou o roupão no chão e ele, Rodolfo, arremessou as cobertas no meio do quarto.

Uma noite fantástica. Como nos anos heroicos.

Do livro *Dança do Ventre e Outras Histórias* (Criar Edições, 2016).

Um abraço desde Roma

Júlia Zuza

Querida Rita

sigo on the road my dear
 escrevo para falar dessa cidade pulsante
 que vibra na cor das paredes das casas
 e desse emaranhado de fios elétricos
 em que os pássaros fizeram um ninho
 te falo dos antigos trilhos do trem
 que já ninguém passa
 e dessa vitrine embaçada
 com vestidos decadentes de festa
 na entrada da estação de metrô
 escrevo também de um velho cego bêbado
 que toca acordeon na rua
 enquanto a polícia não chega
 fazendo com que a toda a cidade
 deixe de ser concreta e possa voar
 olha vou ter que desenhar algo por cima do cartão
 porque a cidade ilustrada no postal
 é só mais uma cidade ilustrada de postal

Parada estratégica na Fonseca Teles

Conceição Campos

Olhando o relógio, engoli meu café e voltei correndo para a Fonseca Teles. Agora um pouco atrasada, subi as escadas do prédio e bati à porta do apartamento. Antes que atendessem, ouvi uma voz estridente vinda lá de dentro, alardeando minha chegada. Era o papagaio Ray Charles, mascote da casa, presente que uma fã goiana dera à Clara Nunes, e que ficara com a mãe do Paulinho depois da morte da cantora, em 1983. Dona Célia logo me recebeu com sua natural delicadeza e comentou que, por coincidência, o filho tinha acabado de telefonar pra saber como ela estava.

Apresentando-me ao papagaio, que ela carinhosamente chama de Louro, fez com que ele parasse a gritaria. Seu Samuel nos olhava do corredor com um jeito atento. Era ainda mais silencioso que o filho e, assim que comecei a perguntar coisas sobre a história de sua família, entendi que era eu quem deveria responder lhe primeiro a uma questão fundamental: – Por quê você quer saber tudo isso?

Seu Samuel me investigava. Quietamente, deixou que Dona Célia e eu conversássemos à vontade, entre papéis antigos e álbuns de família. Só numa segunda visita, sem que eu esperasse e sempre me olhando nos olhos, demonstrou-se decidido a falar. Deu-me a partir de então informações valiosas, embora a mais importante eu já tivesse entendido naquela primeira visita. Seu cuidado e respeito pelo filho eram tão grandes quanto o orgulho que sentia. Uma profunda admiração que ia se revelando aos poucos, mais nos gestos do que nas palavras, enquanto se lembrava da velocidade com que as coisas foram acontecendo, lá pelo final dos anos 1960. Falava dessa época quando de repente parou para me mostrar a máquina em que Dona Célia costurava. Atordoada pelo barulho do motor e pela algazarra que o papagaio começava a fazer na cozinha, eu demorei um pouco até entender o que estava acontecendo. Quando Dona Célia parou para nos olhar, mostrou que o Louro estava cantando, em bom papagaiês, frases de músicas misturadas, entre as quais era possível identificar um pedaço do refrão de Lapinha. O mascote, sem querer, acabou ilustrando o que Seu Samuel

agora me explicava: aquela máquina de costura tinha sido presente do filho, comprada justamente com o primeiro dinheiro que Paulo César Pinheiro ganhou na vida – o prêmio arrematado com aquele samba, aos 19 anos, na I Bienal do Samba da Record, em 1968.

As restrições que seu pai um dia tivera em relação ao meio musical acabaram sendo atropeladas pela profissionalização precoce do filho. Depois dessa primeira consagração, nada mais havia a fazer a não ser acompanhar o crescimento do jovem talento. Seu Samuel passou a arquivar num caderno as notícias daquele comecinho de carreira. Registros históricos de uma fase que o letrista, então muito moço, ainda não se ocupava em guardar. Só anos depois é que o próprio compositor passou a considerar a necessidade de colecionar as matérias e reportagens sobre sua vida profissional, passando a contar com os serviços de uma empresa especializada que coletou, a partir da metade da década de 1970, um extenso material ao qual eu já tivera acesso. Mas era naquele caderno de seu pai que estavam coladas as primeiras fotos, entrevistas, telegramas da época dos festivais, as primeiras notícias de shows, os primeiros sucessos, as novas parcerias que iam surgindo, seu LP de estréia etc.

Tudo somado às histórias de infância saídas dos álbuns de família, boletins escolares e, sobretudo, da memória preciosa de Dona Célia e Seu Samuel, as informações começavam a se cruzar com os depoimentos dados por alguns amigos, algumas dezenas de parceiros e, é claro, pelo próprio compositor. Já era possível contar um pouco da sua história pessoal e profissional, começando por aquelas esquinas de São Cristóvão onde, em dezembro de 1959, o menino Paulo César Francisco Pinheiro chegara de mudança com a família, e de onde só sairia dezesseis anos depois, já adulto. Foi lá pela praça Pinto Peixoto que o amigo Ná, apontador do jogo do bicho, grande colocador de apelidos e amante da boa música, sugeriu ao Paulinho que se juntasse pra fazer música com Joãozinho, o João Babão, alegando que um levava jeito pra tocar, o outro pra escrever e que aquilo podia dar um

caldo. Ná já tinha lido uns poemas rascunhados pelo amigo. Seguindo a sugestão, o menino aproximou-se da música pela primeira vez, aos 13 anos, fazendo letra para uma melodia do colega, vizinho e então primeiro parceiro, João de Aquino. Melodia originalmente mais rápida, cujo andamento foi sendo ralentado por Paulinho até que virasse uma valsa. Nela, o letrista estreante encaixou a sua Viagem, texto precocemente maduro, auto-retrato perfeito, definidor de seu destino e futuro.

Viagem

(João de Aquino & Paulo César Pinheiro)

Ô, tristeza, me desculpe
Estou de malas prontas
Hoje a poesia veio ao meu encontro
Já raiou o dia, vamos viajar.
Vamos indo de carona
Na garupa leve do vento macio
Que vem caminhando desde muito longe
Lá do fim do mar.
Vamos visitar a estrela da manhã raiada
Que pensei perdida pela madrugada
Mas que está escondida querendo brincar.
Senta nessa nuvem clara, minha poesia
Anda, se prepara, traz uma cantiga
Vamos espalhando música no ar.

Olha quantas aves brancas
Minha poesia
Dançam nossa valsa pelo céu que o dia
Fez todo bordado de raios de sol.
Ô, poesia, me ajude
Vou colher avencas, lírios, rosas, dalias
Pelos campos verdes
Que você batiza de jardins do céu.
Mas, pode ficar tranqüila
Minha poesia
Pois nós voltaremos numa estrela guia
Num clarão de lua quando serenar.
Ou talvez até quem sabe
Nós só voltaremos num cavalo baixo
No alazão da noite cujo nome é Raio
Raio de Luar.

Trecho de *A letra brasileira de Paulo César Pinheiro* (Engenho Produções, 2016)

Capítulo II – A historiografia latina

Pedro Paulo A. Funari e Renata Senna Garraffoni

2.1 As origens

Comentar sobre as origens da historiografia latina é algo bastante conturbado. Como já ressaltou Lintott (1990: 226), uma proporção pequena do que foi escrito pelos historiadores romanos chegou até nós. Assim, quando comentamos sobre qualquer historiador romano estamos argumentando a partir daquilo que nos foi deixado, ou seja, de uma perspectiva parcial do que restou da obra de cada um. Além disso, temos que ter em mente que a grande maioria deles pertencia à elite romana, razão pela qual o tema da dominação romana do Mediterrâneo é uma constante nas obras. Ou seja, é uma característica da cultura romana a marcação do tempo e a celebração da memória de Roma de suas origens até os domínios territoriais do presente do historiador que narra.

Essa maneira de organizar o tempo por meio de guerras e triunfos está relacionada com aspectos das narrativas gregas. Fica claro, portanto, que as origens e fontes inspiradoras dos escritores latinos recuam muito, desde as mais obscuras e mediadas indicações oriundas do Oriente Médio e, de forma mais direta, dos historiadores gregos. Não há dúvida de que coube à difusão da língua, literatura e cultura gregas o papel central na formação dos gêneros literários latinos, como no caso da

historiografia. A partir do final do século III a.C. e, em particular, no decorrer do século II a.C., os romanos travaram contato mais direto com o mundo helenístico oriundo das conquistas de Alexandre, o Grande. Os romanos já tinham contatos com a cultura helênica havia muitos séculos, tanto por intermédio dos etruscos, nos séculos da época da realeza (753-509 a.C.), como pelo contato com a colonização grega no sul da península itálica, na chamada Magna Grécia.

Foi apenas com a Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.) e a saída da Península Itálica que os romanos passaram a ter relações mais intensas com as monarquias helenísticas. A aliança de púnicos e macedônicos durante o conflito levou à intervenção romana mais direta no mundo helênico e, em poucas décadas, Roma havia conquistado (ou “libertado”, no linguajar latino) boa parte do mundo grego em meados do segundo século a.C. A partir daí, os romanos passaram a frequentar as escolas helênicas mais prestigiosas e o estudo do idioma generalizou-se entre a elite. Esse envolvimento com os gregos levou a uma relação ambígua com a cultura grega. Por um lado, a literatura grega, com sua imensa diversidade e erudição, da Filosofia mais abstrata à geografia mais empírica e observadora, tudo causava admiração nos latinos, que tomavam os autores

gregos mais antigos como modelos a serem entendidos, primeiro, e seguidos, por conseguinte. Havia tanto a atração por Homero e pela literatura do século V a.C., quanto também por toda a renovação literária que havia caracterizado os tempos mais próximos, do helenismo decorrente da expansão macedônica, a partir dos anos 330 a.C. Assim, os romanos aprendiam tanto o idioma arcaico e clássico, como o grego da sua época, a língua comum (*koiné*).

Este movimento foi fundamental para o surgimento da literatura latina, em geral, e da historiografia, em particular. Um dos mais antigos historiadores que deixou obra substancial e que chegou até nós é bastante tardio, Salústio (86-34 a.C.), educado em um mundo romano que já estava lendo e falando grego por mais de cem anos. Isso explica que Salústio houvesse lido e assimilado – para não dizer imitado – os maneirismos e asperezas do grande historiador grego Tucídides (460-395 a.C.). Nenhum outro historiador latino clássico deixaria de ser devedor, de uma forma ou de outra, dos gregos, mesmo quando o conhecimento do idioma declinou, na Antiguidade Tardia, a partir do século IV d.C., pois os gregos continuaram modelares.

Os romanos registravam os feitos dos cônsules a cada ano (*fasti consulares*), que devem ser dos

inícios da República, datada de 509 a.C., segundo a tradição. Na origem, eram registros, pelos sumos pontífices (*pontifices maximi*), dos eventos principais de cada ano, tanto referentes aos magistrados, quanto de outras ocorrências consideradas dignas de nota, como secas ou eclipses. Havia, ainda, as tradições fúnebres, quando se pronunciavam encômios ao falecido e demais antepassados na *laudatio funebris*. Ainda que pouco confiáveis, essas narrativas fúnebres serviriam de base também para os historiadores. As funções desses registros eram administrativas e jurídicas, no caso dos Anais, e de elogio dos antepassados, no âmbito da competição entre as famílias aristocráticas romanas. Os romanos sem antepassados (*noui homines*) entravam nessa disputa em desvantagem, como aparece, de forma reiterada, nos relatos historiográficos latinos.

A conquista da Itália meridional e das antigas cidades gregas, primeiro, e as lutas no Mediterrâneo no século III a.C. e início do século II, viriam a consolidar a inserção dos romanos de elite nas tradições culturais de língua e cultura gregas, incluída aí a historiografia. Esse contato foi reforçado, em termos práticos, pela inclusão de intelectuais de língua grega nos círculos romanos e, no caso da historiografia, em particular

com o historiador Políbio (200-118 a.C.). Políbio de Megalópolis foi tomado como prisioneiro em 168 a.C., mas logo se integrou à alta sociedade romana. Foi responsável tanto pela difusão de Tucídides entre os romanos, como se notará com Salústio (86-35 a.C.), quanto por criar uma narrativa da ascensão do poder romano no Mediterrâneo que servirá, de certa maneira, de pano de fundo para todos os historiadores latinos posteriores. Políbio também será uma das fontes de inspiração da noção de papel decisivo do acaso (*tykhé, fortuna*, em latim), divindade que explica tanto as improbabilidades, como a sorte, aquilo que aparecerá em diversas narrativas historiográficas latinas como *felicitas* (o bafejo da sorte).

O primeiro historiador latino cuja obra chegou até nós de forma mais ou menos extensa foi Júlio César (100-44 a.C.), ainda que se tenha discutido se se poderia chamá-lo de historiador. De fato, melhor seria definir seus comentários (*commentarii*) como obra de um “repórter enganoso” (*artful reporter*, Welch & Powel 1998), no âmbito do que alguns chamariam de propaganda (Konstan 2005), mas Andrew Lintott prefere inserir essa atividade na tradição historiográfica: “os temas da Guerra das Gálias são típicos da historiografia romana madura” (Lintott 1990: 232), ou seja, a virtude romana, a exaltação dos

romanos e do poder estabelecido, assim como a oposição ao poder individual e à revolução. Como Lintott reconhece, isso tudo pode ser considerado irônico, à luz da atuação política do próprio Júlio César. De todo modo, a narrativa dos comentários pode, por um lado, estar na esteira da historiografia, mas dela se diferencia por ter como preocupação precípua, também e de forma decisiva, a difusão da boa fama do líder romano. Esse aspecto de ênfase na exaltação do poder estabelecido, presente de maneira embrionária nos escritos de César, é o que Hingley (2005) vai destacar como um dos mais preponderantes nas leituras da modernidade sobre o Império Romano: alguns estudiosos teriam, em alguma medida, embasado-se nela para definir o modelo de explicação da expansão romana que, depois, seria conhecida como Romanização.

Nesse sentido, Hingley argumenta que, ao tratarmos a escrita de César, as biografias ou historiografia antiga, temos de estar cientes de suas formas discursivas e de como os autores constroem a glória romana, pois é um *topos* latino e influenciou muito a maneira como se entendeu a História de Roma na modernidade. Hingley destaca que textos como os de César são importantes, não há dúvida disso, mas atualmente, com

o desenvolvimento da Arqueologia, uma contraposição entre cultura material e textos poderia nos trazer à tona aspectos da cultura e sociedade romana nem sempre presentes nos discursos da elite vencedora. Essa ressalva nos pareceu importante, na medida em que, como já destacamos, as obras dos historiadores latinos ora são consideradas pelo viés do gênero literário, ora pelo da fonte pelos modernos, em especial até a primeira metade do século XX, mas atualmente, com a possibilidade de entendê-las dentro de seus contextos políticos e históricos, abrem-se novas chaves de leituras, como a relação que os romanos estabeleciam entre passado e presente, o que consideravam digno da memória coletiva e como realizam suas escolhas. Portanto, mais do que uma descrição do que realmente aconteceu, esses textos podem ser lidos, também, como discursos produzidos a partir dos contextos históricos e culturais, moldando comportamentos e construindo visões de mundo. É por isso que acreditamos que seria interessante pensarmos um pouco sobre sua recepção na posteridade.

(Trecho de *Historiografia – Salústio, Tito Lívio e Tácito*, Editora da Unicamp, 2016).

Alexandre Cardinal



Alexandre Cardinal



Fórmula PG para calcular a melhor porção para pedir no happy hour da galera na sexta-feira

Bolívar Escobar

Foi uma surpresa descobrir que a maioria das pessoas, quando indagadas sobre o que levam quando saem para um bar à noite, respondem citando itens de vestimenta (sapatos, bolsas, rabcós, lenços) ou mencionando celulares — kits para retocar maquiagem, no caso das mulheres. Sou levado a crer que a única pessoa munida de calculadora científica, papel, lápis e escalímetro na noite dos jovens sou eu.

Explico: o motivo pelo qual carrego comigo tais aparatos reside na responsabilidade de garantir, a mim e aos amigos, o máximo aproveitamento orçamentário na mesa do bar. Enquanto o consumidor-padrão chega no Boteco do Jaime e pede logo de cara uma porção de batatas fritas, eu faço questão de, antes de mais nada, antes mesmo de pedir o primeiro chope, verificar o cardápio, item por item, na seção de comidas e aperitivos, calculando em qual escolha reside o melhor custo-benefício.

É sabido que a maioria dos restaurantes por quilo utiliza da velha fórmula IMCBDPB (“Item Mais Caro do Buffet Define o Preço do Buffet”), ou seja, entre o pepino da seção de saladas e o risoto de mignon dos pratos quentes, pode apostar que, pegando um prato inteiro de risoto e pesando, você

descobrirá quanto vale, de fato, o prato naquele restaurante. Nos botecos e bares, a lógica é parecida. Os preços seguem um padrão proporcional de acordo com as porções mais caras. Entretanto, o valor realiza uma curva que culmina em um ponto ótimo — o que chamo de “Prato da Galera” (PG): aquela porção que tem o preço ideal, satisfaz todo mundo e é uma delícia.

Após alguns anos aperfeiçoando a prática, a fórmula do cálculo do PG compreende hoje variáveis como quantidade de calorias da porção (Kcal), preço da matéria prima (\$p), peso (kg), quantidade (Δ), circunferência do prato (C), número de pessoas beneficiadas (n) e, dependendo do estabelecimento, coloco uma estimativa do salário dos garçons e da gorjeta, bem como dados sempre atualizados do preço médio do gás, luz, palitos de fósforo e outros elementos incluídos no dispêndio do estabelecimento, unidos em uma variável chamada “X”.

Selecionadas as variáveis, a fórmula PG é uma razão da adição dos fatores primários pela quantidade de pessoas pagantes (N – não confundir com o “n” minúsculo relativo ao número de pessoas na mesa, já que muitos comem e não pagam e outros são crianças

e idosos, não compondo a parcela da população economicamente ativa e disposta a rachar a comanda depois das 11 horas da noite) e o valor desembolsado por cada um, e multiplicada pelo que eu chamo de Coeficiente de Agradabilidade (A) que é o quanto cada item no cardápio é aceitado pelo público da mesa — porção de mandioquinha frita tem um A de 0,43, enquanto as iscas de tilápia chegam a impressionantes 0,99, dependendo da crocância.

Um gráfico com uma curva de aproveitamento é gerado quando as variáveis “dinheiro per capita” e “índice de VAP” (vale-a-pena, ou seja, o resultado da fórmula descrita acima) são cruzadas, englobando todos os itens do cardápio. O interessante é que esse gráfico considera também o valor das bebidas, ou seja, em bares nos quais a cerveja é mais barata, o VAP pode impactar menos no dinheiro per capita. O PG é revelado quando a curva do gráfico atinge o menor valor per capita e o maior VAP ao mesmo tempo.

No fim das contas, o processo de cálculo dura cerca de duas horas até todos os itens do cardápio serem avaliados precisamente, com um índice de refração de apenas três a cada dez pratos.

Geralmente, a porção de batata frita é o que vale mais a pena.

A babel de Tacy de Campos

da Redação

A vida da curitibana Tacy de Campos mudou demais. A partir do musical “Cássia Eller”, de 2014, em que a cantora e compositora interpretou quase 40 canções de uma das mais importantes cantoras brasileiras dos últimos tempos, tudo se reconfigurou — parcerias, a primeira experiência como atriz, mudança de cidade.

Tacy foi selecionada numa plêiade de mais de três mil audições — de fato, ela não participou da seletiva de modo convencional. Um vídeo seu cantando diversas canções de Cássia, acompanhada de Fabio Lima, chegou nas mãos da produção, que a trouxe imediatamente para o Rio de Janeiro. A escolha foi mais. apaixonamento. Desde então, ela mora na capital carioca.

De lá para cá, foram apresentações em todas as capitais brasileiras, mais de dois anos de estrada, cem mil pessoas nos teatros, entrevistas, novos projetos e, enfim, o primeiro CD, em processo de lançamento, chamado “O Manifesto da Canção”. O álbum conta com letras e melodias de Tacy, que acredita estar mais madura musicalmente. “Estou estudando muito, trazendo novos temas para o meu trabalho. Estou feliz com essa nova fase”.

Ela começou a tocar violão com 15 anos. Sempre gostou de ler e, unindo

música e literatura, começou a compor desde cedo. Estudou no Conservatório de Curitiba e em escolas de músicas no Rio de Janeiro. Participou de oficinas e projetos musicais diversos. Também foi integrante das bandas Os Marginais e Quarto 14, além de participar do projeto musical 3PorAí.

Tacy é leitora regular dos periódicos literários de Curitiba, “cada vez que leio o Rascunho fico maravilhada com a quantidade de autores legais que tem pra ler”, e diz curtir o **RelevO** pela “zueira”. A canção “Babel”, de seu novo disco, é inspirada no livro homônimo de contos da escritora carioca Adriana Griner. A releitura do Novo Testamento, aliás, foi vencedora na categoria Contos do Prêmio Paraná de Literatura 2014.

Das experiências literárias às musicais, Tacy diz curtir muito country, folk e blues. “Gosto também de Legião Urbana, Nando Reis, Frejat, Cazuza, Pitty, Nação Zumbi, essa galera que, além de conteúdo, traz atitude ao que cantam”. Dos internacionais, diz ouvir muito Thin Lizzy, Jethro Tull e Supertramp. “Desejo muito trazer essa psicodelia, essa coisa atmosférica, de opereta, para um futuro disco meu”, completa.



Divulgação



tacydecampos.com

[youtube.com/tacydecampos](https://www.youtube.com/tacydecampos)

[facebook/tacydecampos](https://facebook.com/tacydecampos)

[soundcloud/tacydecampos](https://soundcloud.com/tacydecampos)

A batida de Gerson Martins

da Redação



Divulgação

Baterista há vinte anos, o curitibano Gerson Martins começou a vida musical tocando em bandas desses bailes da capital. Sua família tem tradição musical: são tios, irmãos e avôs a tocar diversos instrumentos. “Escolhi a bateria porque o meu lance é com o ritmo”.

Antes de seguir o caminho das turnês, Gerson chegou a jogar nas categorias de base de Coritiba e Atlético. “Eu era um centroavante invocado”. Quase chegou no profissional, mas a vida foi seguindo outra frequência. Quando viu, estava tocando fora do país.

Morou por 17 anos na Alemanha e na Suíça, onde participou de festivais como o Montreux, o mais famoso da Suíça, às margens do Rio Léman. “Foi uma experiência marcante na minha vida. Pude ver, lá fora, como os gringos tem respeito pela música e pelo músico. O profissionalismo é

impressionante. Acredito que temos muito a aprender com eles nesse aspecto, de levar as coisas mais à sério, de se organizar para fazer as coisas com mais qualidade”.

Músico de influências associadas à cultura americana, diz gostar muito do jazz e blues. “Mas toco muito rock, muito samba, o que vier. Gosto muito de Ivan Lins, Leny Andrade, George Benson, Earth, Wind & Fire”, avalia. “Sou eclético”, completa.

Gerson conheceu o Bardo Tatára a partir de amigos músicos, como Saul Trumpet, que o chamou um dia para conhecer a Segunda Autoral e, quando viu, estava no palco improvisando umas músicas com os companheiros. “A Segunda Autoral é excelente, um grande espaço para pegar cancha musical, ouvir coisas novas”. Antes de terminar a cerveja, confessa: “meu sonho é tocar um dia no Japão”.

[facebook/gersonmartins](https://www.facebook.com/gersonmartins)



Três contos encadeados

Contos integrantes de Vozes da Sombra, ainda inédito

Saber mesmo ninguém sabe

José Marins

Fiquei sabendo, tenho um transtorno mental. Dos piores momentos que tive na vida este não tem teor estranho. Eu desconfiava, como de tudo e de todos. A água não é esse líquido, incolor, insípido e inodoro. Ainda menos a água desse poço, barrenta, salobra. Fundo de poço que não reflete nem lua nas noites da cheia. Porém, eu lhe pergunto: desde que ponto você pode me apontar que sou louco? Conhece a loucura por onde?

Conhece nada.

Ninguém no revés do louco pode ditar a loucura do outro. Só quem sabe é irmão e bebe da mesma água com gosto de gente afogada.

O mago

Consolação Soranço Buzelin

Minha família me internou no hospício. Diziam ser rotina. Era só para fazer um pouco de repouso. Depois voltar revigorado, as ideias renovadas. Só não sei quem iria descansar. Eu não poderia ser com aquela confusão de loucos por toda parte. Não foi fácil todo o tempo passado ali. Quase enlouqueci. Mas superei, cansaram de mim e acharam que já poderia voltar para casa. Tenho pena deles. Acreditar em toda essa magia inventada só para me safar. Simples verborragia, e deu certo, até eu me surpreendi quando virei um sucesso.

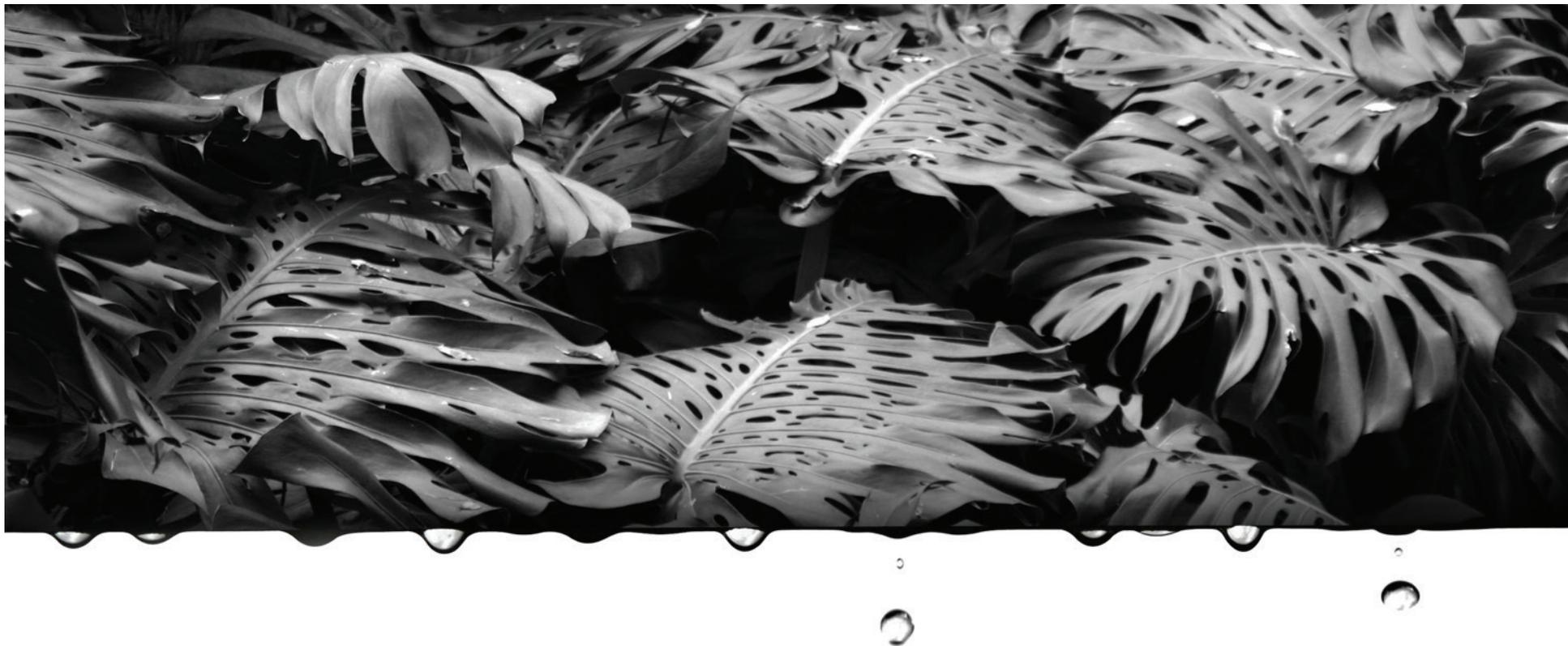
É, e ainda dizem que o louco era eu.

Agora

Rodrigo Araujo

Viro as costas e vou com o gerente falando sobre metas de dois mil reais por dia e num muxoxo surpreso de espere ainda estou falando com você saio da loja e chego em casa com o sol da uma e quinze e a família perguntando o que foi que aconteceu algum problema no trabalho mas me dispo sem lhes dar atenção ali mesmo no quintal enquanto a mãe pendura as roupas e os irmãos dizendo algo que nem sei vou indo para o meu quarto tomando cuidado para não pisar em algo no meio da grama que me machuque a sola dos pés e tranco a porta até que ele chega para saber se está tudo bem e passo por baixo da porta as vinte notas de cem.

Alexandre Cardinal



Tira-gosto

Daniel Perroni Rato

Na mesa
Um tira-gosto
Um bota-verso
Uma cerveja

Na mesa
Um pira-torto
Um tapa-sexo
Mais uma cerveja

O Marido

Claire Feliz Regina

Antes ele fazia sexo demorado.
Cheio de preliminares.
Reclamou-me a vizinha,
virou poeta de hai-kai,
agora, só quer dar
“uma rapidinha”

Observando aves 1 e 2

Sérgio Monteiro de Almeida

